



Trabalho 2062

ANÁLISE CRÍTICO - REFLEXIVA SOBRE A INFLUÊNCIA ENTRE CULTURA E SAÚDE DO TRABALHADOR¹

Helena Maria Scherlowski Leal David *;
Karolyne Marotto Vila **.

O Projeto Vidas Paralelas- PVP se insere no campo da cultura e saúde do trabalhador, e é uma proposta conduzida pelo Ministério da Saúde em parceria com o Ministério da Cultura. A sua realização busca revelar o cotidiano do trabalho pelas lentes de representantes das diferentes categorias de trabalhadores no Brasil, por meio da construção de uma consciência crítica e reflexiva sobre a temática da saúde e cultura. Portanto, viabiliza o diálogo entre as diversas áreas de atuação e analisa a diversidade cultural e os entendimentos sobre saúde desses indivíduos. Toda a construção do PVP se deu em um processo de pactuação entre instancias como Centrais Sindicais, Política Nacional de Saúde do Trabalhador, Centros Regionais de Saúde do Trabalhador, e Comissões Interinstitucionais de Saúde do Trabalhador – CIST, dos Conselhos de Saúde, articulando ainda categorias formais e informais de trabalhadores em nível nacional e em cada Estado. No Rio de Janeiro, desde 2010 o PVP RJ vem articulando sujeitos membros de movimentos sociais das lutas da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais, e representantes da CIST do Estado do Rio de Janeiro e de sindicatos. Oficinas de capacitação foram desenvolvidas para treinamento do uso de celulares e postagem de imagens na internet, por meio do site do PVP (www.cultura.gov.br/vidasparalelas). Desde 2011, mantém-se o Projeto de Extensão Vidas Paralelas: Ações compartilhadas em cultura e saúde do trabalhador. Como bolsista do projeto de extensão há mais de um ano, a avaliação é a de que circula uma variedade de informações pertinentes à temática, que é complexa, pois envolve cultura e saúde de trabalhadores em diferentes atividades laborais, com perspectivas de sociedade e futuro divergentes. Avaliamos, neste projeto, a partir da participação de sindicatos e de movimentos populares, que, nitidamente, as articulações sociais de luta encontram-se debilitadas. A atuação desses atores sociais, está diretamente ligada ao seu contexto social e às dificuldades em articularem-se entre si e dentro dos movimentos, e mesmo dentro do PVP há uma certa posição passiva. Isso se explica pelas contradições sociais existentes, as diversas demandas do cotidiano, e a forma de como lidar com o coletivo. Tratando-se, com efeito do trabalho e da prática cotidiana do trabalho, o conjunto dos problemas concretos encontrados pelos trabalhadores não pode ser resolvido com ajuda dos conhecimentos estabelecidos pelas ciências da natureza, porque o trabalho confronta precisamente os trabalhadores com o mundo real e não só com as situações experimentais, artificialmente colocadas pelos cientistas (DEJOURS, 2005, p. 47,48). A contribuição do Projeto à formação acadêmica está vinculada à possibilidade de relação entre cultura e saúde do trabalhador, explorando a percepção da cultura em influenciar categoricamente a saúde, visto que lidamos com pessoas de âmbitos diversos, além da complexidade humana já existente. Estabelece-se uma relação direta entre o conhecimento acadêmico e a prática social da classe trabalhadora, contribuindo para a transformação da sociedade e para a formação crítica dos estudantes. Durante séculos, o saber humano havia sido entendido como uma aprendizagem no e pelo padecer, no e por aquilo que nos acontece. Este é o saber da experiência o qual nos propomos no Projeto Vidas Paralelas: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer. No saber da experiência não se trata da

1* Professora associada da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado Rio de Janeiro - UERJ / Doutora em Saúde Pública.

** Acadêmica (6º período) da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Contato: karu.lynemarotto@gmail.com



Trabalho 2062

verdade do que são as coisas, mas do sentido e do sem-sentido do que nos acontece. Entretanto, não se pode mais pensar o aprofundamento sobre a questão da saúde do trabalhador no campo técnico-científico sem a interação e confronto dos principais atores sociais envolvidos. O conhecimento sistematizado e a realidade social, em uma perspectiva dialógica de construção do conhecimento, permitem que os trabalhadores tornem-se reeditores sociais desse conhecimento essencial para a transformação da sociedade. De acordo com Freire (1987) *ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão*. Em sua obra Paulo Freire aponta as constantes e necessárias lutas entre opressor e oprimido no âmbito da educação. Foi-nos importante trazê-lo em nossa discussão posto que entendemos o trabalho enquanto um princípio pedagógico, através do qual o sujeito ativo (trabalhador) realiza um processo de aprendizagem: “A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação se considerássemos a desumanização como vocação histórica dos homens. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores a este, o ser menos. (FREIRE, 1987)” Para a formação em enfermagem, representa a possibilidade de aprofundar sua ação como prática social voltada para o diálogo, o fortalecimento de processos emancipatórios e das políticas públicas de saúde como direito de cidadania. Deste modo percebemos que : “(...) requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.”(BONDÍA, 2002, p19) Nesse sentido, destacam-se as ações do PVP RJ: reuniões periódicas; oficinas de formação tecnológica, que também se desdobram em debates; participação em reuniões do grupo LGBT para discussão sobre o direito ao trabalho; produção de mostras visuais a partir das produções elaboradas pelos trabalhadores. Por fim, destaca-se a inclusão do PVP junto à dinâmica de um outro movimento de trabalhadores do Rio de Janeiro, o de catadores de papel e lixo, para fins de documentação de suas atividades, e estímulo à sua autoprodução como sujeitos de cultura e saberes relevantes sobre a saúde, ao tempo em que se estimula a troca entre conhecimentos técnico-científicos e o saber popular. Entende-se que o PVP contribui, portanto, para ampliar o escopo da missão interdisciplinar e pedagógica da prática da enfermagem, incluindo o futuro profissional na dinâmica dos debates sobre a diversidade cultural, o direito à saúde e a participação popular.

EIXO III - Diversidade cultural e o trabalho de enfermagem.

Referências:

Dejours C. O Fator Humano. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

Freire P. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Bondía JL. Notas sobre a Experiência e o Saber da Experiência. Revista Brasileira de Educação, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.